



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Órgão do Partido
Operário Revolucionário
Nº 43/2025 - 11 de dezembro
@massas.por | (11) 95446-2020
@correnteproletaria.abc

36 anos da brutal repressão na Vila Socialista em Diadema

Viva a luta dos sem-teto por moradia e pelas condições de existência dos explorados!

No dia 11 de dezembro de 1990, ocorreu a brutal repressão sobre os sem-teto que ocupavam o terreno, denominado de Vila Socialista, em Diadema, no ABC Paulista. Na ocasião, Milton de Souza Frazão e Noraldino Ferreira Lima foram assassinados. Manoel Boni, organizador da ocupação e resistência, teve uma de suas mãos mutilada por uma bomba. Foi levado para um hospital no Jabaquara, porque necessitava de cuidados especiais. Mesmo assim, a polícia estava com a ordem de prisão.

Uma vigília foi montada e a prefeita de São Paulo, Luiza Erundina (PT), atendeu à reivindicação dos manifestantes de não autorizar a prisão de Boni naquelas condições. Havia o temor de que Boni pudesse ser assassinado nas dependências policiais. A discussão, naquela situação, foi a de como manter o movimento organizado e mobilizado. Boni, que fazia parte da construção do Partido Operário Revolucionário (POR) e Romildo, militante da Convergência Socialista, foram presos e transferidos para a cadeia de Diadema.

Boni tinha sido eleito como vereador à Câmara Municipal de Diadema pelo PT. Verificou pela experiência que o prefeito petista e vereadores do próprio PT exerciam um mandato antioperário e antipopular. Ingressou na corrente Causa Operária, que em seguida foi expulsa do PT juntamente com a Convergência Socialista. Não concordando com as posições da Causa Operária, rompeu para vir a constituir a Tendência pela construção do Partido Operário Revolucionário (T.POR) juntamente com outros ex-militantes de Causa Operária.

É importante ressaltar esse momento porque Boni, como operário metalúrgico, expressava os instintos mais profundos dos explorados. Uma vez eleito vereador, passou a exercer seu mandato com vigor classista, dedicando-se a organizar o movimento dos sem-teto. Chocou-se, assim, com a política burguesa do PT. Do ponto de vista de classe, foi um exemplo de como usar o parlamento em favor dos interesses dos oprimidos, colocando-se como organizador da luta, da defesa da ação direta das massas e da democracia própria das assembleias.

A sua expulsão do PT, a perda de uma das mãos e

a sua prisão estão marcadas pela violência da política burguesa contra a classe operária e a maioria oprimida. Essa é uma lição que a vanguarda revolucionária deve aprender e conservar.

Imediatamente à violenta desocupação, os sem-teto ocuparam uma escola pública próxima ao terreno da Vila Socialista. Essa medida mostrou a firmeza de uma parcela que agia como direção da massa de sem-teto ocupantes.

A repercussão dos acontecimentos na Vila Socialista se projetou nacional e internacionalmente. Jornalistas estrangeiros pediam entrevistas com os organizadores da luta. Ergueu-se um movimento de solidariedade em torno à escola ocupada. Formaram-se comitês de defesa dos presos políticos. Parlamentares mais à esquerda foram obrigados a se pronunciar. A bandeira de libertação de Boni e Romildo cravou fundo na maior parte da população de Diadema e, principalmente, no bairro Serraria, onde Manoel Boni havia realizado várias assembleias populares para organizar os sem-teto e preparar a ocupação.

Desde a prisão, Boni enviou duas cartas aos trabalhadores. Uma sobre os acontecimentos da Vila Socialista, outra sobre a ocupação do Morro do Samba e Gazuza, que estavam ameaçadas de intervenção policial e de desocupação. Duas passagens se destacam: “De fato, o que está embutido nesses processos, na sua essência, é a tentativa de acabar com o embrião de implantação no país de um partido operário revolucionário”. A outra passagem referente ao Morro do Samba-Gazuza diz: “Não temos muitas alternativas, ou enfrentamos e preparamos para a luta, ou nos preparamos para sair pacificamente. Se fosse para sair pacificamente, não teríamos ocupado a terra”. Essas duas cartas e o exemplo de firmeza na organização do movimento da Vila Socialista marcam a história do movimento dos sem-teto no Brasil.

Boni, como principal organizador, trabalhou meses para dar coesão à aspiração dos sem-teto em ter sua moradia, que só poderia ser realizada pela luta coletiva, voltada à ocupação e exigência de que houvesse a desapropriação do terreno pelo poder público. A defesa de Boni e Romildo contou com assembleias e atos públicos regulares. Caravanas

foram feitas até a porta da delegacia, momento em que os oradores, representantes de movimentos e de correntes políticas defensoras dos sem-teto faziam seus pronunciamentos, condenando a invasão policial da Vila Socialista, denunciando o prefeito de Diadema e o governador. De vários estados, chegavam moções pela libertação dos presos e responsabilização daqueles que assassinaram Noraldino e Souza, e amputaram uma das mãos de Boni.

O apoio do prefeito petista José Augusto Ramos à Polícia Militar e às ordens do governador de São Paulo marcou profundamente a evolução do nacional-reformismo como uma variante da política burguesa, portanto, da sustentação da ditadura de classe da minoria capitalista sobre a maioria oprimida. É certo que o parlamentar Eduardo Suplicy se viu na obrigação moral de comparecer em uma manifestação em Diadema, prestando solidariedade verbal aos sem-teto.

Os petistas que não concordaram com a repressão nada podiam fazer, uma vez que não se colocaram pela condenação e destituição do prefeito a ser realizada por um Tribunal Popular. Boni depois de libertado teve de ficar escondido na casa de um militante do POR porque estava sujeito a uma nova decisão contrária à sua liberdade. Como resultado desse enfrentamento, as autoridades decidiram por criar o Conjunto Habitacional Vila Socialista, em 2000, que foi regularizado em 2019.

O sentido de relembrar a brutal ação policial contra a Vila Socialista está em reconhecer o método da ocupação de terra como a única via dos sem-teto demonstrar as necessidades mais elementares das famílias pobres e miseráveis. É necessário acrescentar que a violência policial é a forma do Estado impor os interesses dos grandes proprietários e que a força dos ocupantes da Vila Socialista dependia da unificação dos movimentos de sem-teto. O mais importante de tudo é que os sindicatos operários que poderiam sair em defesa da ocupação ficaram à margem, devido suas direções colaboracionistas e, em grande medida, comprometidas com a política do PT. De nossa parte, avaliamos como uma experiência da luta de classes que esteve na origem do POR.

Os 36 anos de luta da Vila Socialista ocorre em um momento de agravamento da crise econômica,

social e política no Brasil e em todo o mundo. Os operários, camponeses e demais trabalhadores brasileiros continuam a enfrentar a pobreza e a miséria. Os grandes centros urbanos estão tomados por favelas e cortiços. Estampam uma quantidade imensa de moradores de rua.

As políticas assistenciais dos governos – tendo à frente os do PT – mal escondem a impossibilidade da burguesia resolver os problemas estruturais do desemprego, subemprego e informalidade, que estão na base da existência de milhões de sem-teto.

Internacionalmente, os trabalhadores latino-americanos estão diante da intervenção militar dos Estados Unidos que objetiva invadir a Venezuela e derrubar o seu governo. No Oriente Médio, a paz do cemitério de Trump serve aos objetivos colonialistas do Estado sionista de Israel e ao genocídio do povo palestino. Prolonga-se a guerra na Ucrânia de forma que se potencia as tendências bélicas na Europa e em todo o mundo. Os Estados Unidos recrudescem a guerra comercial com a China e preparam o caminho para uma confrontação militar.

É importante não perder de vista o vínculo entre a pobreza das massas, a brutal exploração capitalista do trabalho, as guerras de dominação e a investida do imperialismo contra as nações oprimidas.

O POR tem feito a campanha internacional do Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI) por constituir uma frente única anti-imperialista, em defesa das nações oprimidas contra as nações opressoras.

É nesse sentido que o Partido Operário Revolucionário saúda os 36 anos de resistência da Vila Socialista e honra a memória dos sem-teto Milton de Souza Frazão e Noraldino Ferreira Lima. Faz parte da construção do POR a luta das mais de duas mil famílias que ocuparam a área da Vila Socialista. Somente o fortalecimento da construção do partido revolucionário pode expressar o combate da classe operária e dos demais explorados contra o capitalismo em decomposição e sua barbárie social.

Viva os 36 anos da Vila Socialista!

Pela unidade dos sem-teto na luta pela moradia!

Total independência política e organizativa diante dos governos e da burguesia!

